

NOTAS E RECENSÕES

No passado mês de Maio, deixou-nos para sempre o grande etnógrafo, colector e estudioso da literatura oral, Manuel Viegas Guerreiro. Associando-se às homenagens à sua memória que se têm, entretanto, sucedido, a *E.L.O.* publica o seguinte texto de Teresa Júdice Gamito, professora catedrática da Universidade do Algarve, que, na cerimónia de doutoramento *honoris causa* de Maria Aliete Galhoz (ver *E.L.O.* nº 2), fizera já o elogio do padrinho da doutoranda, precisamente Manuel Viegas Guerreiro.

Os Directores

MANUEL VIEGAS GUERREIRO: O MESTRE E O AMIGO

*Teresa Júdice Gamito**

BIOGRAFIA

Manuel Viegas Guerreiro nasceu em Querença, pequena aldeia da serra algarvia, no concelho de Loulé, a 1 de Novembro de 1912. Após ter sido brilhante aluno do Ensino Secundário, Viegas Guerreiro licenciou-se em Filologia Clássica, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com a elevada classificação de dezasseis valores. Seguiu uma carreira brilhante como professor do Ensino Secundário, no Liceu de Lamego, em 1940; no Colégio Militar, entre 1941 e 44; no Liceu Nacional de Faro, de 1945 a 53; no Liceu Diogo Cão de Sá da Bandeira, de 1948 a 50; no Liceu de Oeiras, de 1953 a 70.

Começando a interessar-se vivamente pela Antropologia e Etnologia, quer por contactos havidos com José Leite de Vasconcellos, director e fundador do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, em Lisboa, com quem estabeleceu profunda amizade, quer com Jorge Dias, professor de Etnologia da Faculdade de Letras de Lisboa, de que foi assistente, Viegas Guerreiro doutorou-se em Etnologia em 1969, com a classificação de 19 valores, naquela mesma faculdade. Uma breve e brilhante carreira universitária conduziu-o à categoria de professor catedrático de nomeação definitiva, em Outubro de 1971. Viegas Guerreiro foi ainda, e simultaneamente, Director do Museu Nacional de Arqueologia, de 1975 a 1980, nos tempos conturbados de pós 25 de Abril. Aposentou-se em Setembro de 1982, mas continuou a sua activa vida intelectual na Faculdade de Letras, fundando o *Centro de Tradições Populares Portuguesas*, aonde quase diariamente se dirigia, até adoeecer em Outubro de 1996, vindo a falecer em Lisboa, no dia 1 de Maio de 1997. Sua viúva, D. Maria da Conceição Viegas Guerreiro, recebeu em seu nome, a 15 de Maio de 1997, a alta condecoração da Grã

* U.C.E.H., Universidade do Algarve, 8000 Faro.

Notas e Recensões

Cruz da Ordem do Infante, com que foi agraciado por sua Excelência o Sr. Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio.

O MESTRE E O AMIGO

Foi como aluna de Literatura Portuguesa do Liceu Nacional de Faro que conheci o Prof. Viegas Guerreiro, tendo mais tarde voltado a encontrá-lo, também como aluna, na cadeira de Antropologia da Faculdade de Letras de Lisboa. Os profundos conhecimentos que sempre patenteou, aliados a uma simpatia profunda por todos os seus alunos, faziam com que nos sentíssemos sempre apoiados pela sua amizade, corroborada pelo tratamento afectuoso que nos facultava. Os seus profundos conhecimentos científicos e a sua disponibilidade sempre simpática e receptiva em muito contribuíram para que as suas aulas se revestissem do maior interesse científico e humano. A personalidade de Viegas Guerreiro manifestava-se, sobretudo, pelo seu humanismo esclarecido, que se revelava, não só sob o ponto de vista dos seus conhecimentos na área das Ciências Humanas, onde exerceu a sua actividade, como é o caso do ensino do Português, da Literatura Portuguesa e Clássica, da investigação e leccionação na área da Antropologia social e cultural, e da Etnologia, onde manifestava a sua experiência e os seus conhecimentos profundos, com um posicionamento verdadeiramente científico, como também pelas suas qualidades humanas, pela delicadeza das suas atitudes, pela amizade e ternura com que sempre rodeou os seus alunos.

A OBRA

Classicista por formação inicial, Viegas Guerreiro cedo desenvolveu uma sólida investigação nas áreas da Antropologia e Etnologia, quer como investigador no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, junto de José Leite de Vasconcellos, logo entre 1940-41, quer mais tarde como bolseiro, de 1955 a 1970, encarregado pelos testamentários de Leite de Vasconcellos, Professores Orlando Ribeiro e Juvenal Esteves, de ordenar e coordenar os manuscritos de Leite de Vasconcellos, então falecido.

Foi assistente do Prof. Jorge Dias, e o brilhante estudo de Antropologia e Etnologia que efectuou entre as tribos Bochimanes do Sul de Angola constituiu a base da sua tese de doutoramento em Etnologia, que defendeu a 7 de Junho de 1969, obtendo a classificação de 19 valores. A 17 de Novembro de 1970, concluiu as provas para provimento de uma vaga para professor extraordinário de Etnologia, na Faculdade de Letras de Lisboa, e logo a seguir, para provimento de uma vaga para catedrático, na mesma faculdade, cargo em que foi provido definitivamente a 21 de Outubro de 1971. Aposentou-se em Setembro de 1982, mas continuou a sua activa carreira de investigador dirigindo o *Centro de Tradições Populares Portuguesas*, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, aonde ainda em 1996 se deslocava quase diariamente.

Figura brilhante de mestre e investigador, participou em numerosas missões ao estrangeiro, sendo membro da Academia Brasileira de Folclore (desde 1967) e sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa. Mostrou sempre uma grande preocupação pedagógica e didáctica, quer no ensino e culto pelos Clássicos como da Literatura Portuguesa, reflectido em *Da indispensabilidade do Latim na leitura dos nossos clássicos* (1963) ou "A educação de adultos em comunidades rurais. Actividades comunitárias" (em *Cultura e Analfabetismo*, de Adolfo Coelho, 1984). Vários são os seus

Notas e Recensões

estudos etnológicos sobre as diferentes etnias africanas, como é o caso de *Os Macondes de Moçambique*, num volume que versa sobre *Sabedoria, Linguagem, Literatura e Jogos* (1966), *Bochimanes !khu de Angola* (1968, que foi a sua tese de doutoramento). No entanto, igualmente se interessa por algumas comunidades do Continente, como é o caso de S. João das Lampas, e sobretudo a obra *Pitões das Júnias, Esboço de Monografia Etnográfica* (1981), e ainda, em colaboração com Diogo de Abreu e Francisco Melo Ferreira, em 1982, *Unhais da Serra. Notas Geográficas, Históricas e Etnográficas*.

De salientar o trabalho magistral e verdadeiramente monumental que constituiu a organização, coordenação e preparação escrita da obra deixada por Leite de Vasconcellos, *Etnografia Portuguesa*, em 10 volumes, publicada pela Imprensa Nacional de 1958 a 1989, e ainda os trabalhos de preparação para a 2ª edição de *Tradições Populares de Portugal*, também de Leite de Vasconcellos.

Não posso deixar de salientar as várias colaborações no campo da História, como é o caso das entradas do *Dicionário de História de Portugal* de Joel Serrão, a *Introdução à Carta de Achamento do Brasil de Pero Vaz de Caminha* (1974), *A Carta de Pero Vaz de Caminha lida por um etnólogo* (1985), bem como ainda: “Gil Vicente e os motivos populares: um conto na *Farsa de Inês Pereira*” (*Revista Lusitana - NS*, 1981), *Frei João de S. José e a sua Corografia do Reino do Algarve (1577)* (em Faro, 1980) e *Temas de Antropologia em Oliveira Martins* (1986).

No campo da Literatura Portuguesa, especialmente a literatura popular, salientamos: *guia de Recolha de Literatura Popular* (1976 e 1982), colaboração em *O Romanceiro Português*, de Leite de Vasconcellos, também no *Romanceiro Popular Português* de Aliete Galhoz, ainda *Contos Populares Portugueses* (1956), *Adivinhas Portuguesas* (1957) e *Para a História da Literatura Popular Portuguesa* (1978).

Para terminar, não quero deixar de referir a sua presença como Director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, de 1975 a 1980, onde mais uma vez o encontrei profissionalmente, nos tempos conturbados do pós 25 de Abril, em que manifestou, uma vez mais, as grandes qualidades que o caracterizavam: uma lucidez e espírito científico exemplares, um discernimento objectivo e uma capacidade de decisão apropriada, mesmo em circunstâncias adversas. Viegas Guerreiro teve plena consciência da importância e prioridade imediata a dar ao inventário do Museu Nacional de Arqueologia, sem retirar as peças dos locais onde se encontravam, e foi essa a directriz que deu ao Museu apesar das inúmeras dificuldades económicas com que se debatia. Ainda hoje, essa continua a ser a maior das prioridades daquele Museu.

Sob o ponto de vista humano, a calma que conseguia transmitir e o respeito que todos lhe tinham em muito terão contribuído para a serenidade com que todos os grandes e pequenos problemas do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia se foram planando, o mesmo acontecendo quanto aos grandes e pequenos conflitos pessoais e ideológicos com que então todos nós nos debatíamos.

De Agostinho da Silva, seu grande amigo, nos chegaram estas palavras, frequentemente reproduzidas por todos quantos sobre ele se debruçaram: “Sem dúvida nos curvamos perante a maravilha dos que nasceram e se cumpriram sábios, artistas ou o que chamamos pensadores, como se não pensassem os restantes. Mais alto, porém, poria eu a categoria dos que, para além de o fazer, são a plenitude da realização humana, e aos quais sem o socorro do lendário denominaria santos — pela modéstia em que vivem, pela coragem de tranquilos afrontarem tudo o que aparecer como opressor e destruidor do melhor, pela inteira dedicação ao bem dos outros, sem que, no

entanto, deixem de trilhar o caminho que à verdade pode conduzir e são Poetas da Vida além de edificadores de uma obra.

E é aí que eu colocaria Viegas Guerreiro..."

ROBERTO BENJAMIN (ORG.), *A FALA E O GESTO: ENSAIOS DE FOLKCOMUNICAÇÃO SOBRE NARRATIVAS POPULARES*, RECIFE, IMPRENSA UNIVERSITÁRIA, 1996, 152 PP.

*Paulo Jorge Correia**

Apresentando como título uma paráfrase da famosa obra de Leroi-Gourham, este primeiro número da colecção "Pesquisa Académica" é uma colectânea de nove artigos/comunicações resultantes da investigação levada a cabo por Roberto Benjamin e seus alunos do curso de mestrado em comunicação rural da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Os estudos abrangem um vasto leque de assuntos, que vão desde a preocupação das metodologias de recolha, transcrição e análise de narrativas orais, até à apresentação de exemplos de cartas populares pernambucanas analisadas com essa utensilagem.

A colectânea pode dividir-se em três blocos distintos: o primeiro bloco é um texto introdutório, onde Roberto Benjamin faz a história do estudo das narrativas populares/mitos, lendas, contos e casos" no Brasil, introduzindo o conceito de *Folkcomunicação*, definido como um "processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes de massa através de agentes e meios ligados directa ou indirectamente ao folclore" (p. 13), e a análise dos gestos narrativos como propostas inovadoras de método na análise das narrativas orais. Os sistemas linguísticos e para-linguísticos analisados são assim integrados no contexto cultural das comunidades de pertença dos narradores, funcionando como reveladores do mesmo.

O segundo bloco é formado por quatro artigos que tratam de questões metodológicas, tais como considerações sobre a necessidade de interdisciplinaridade e utilização de novos meios tecnológicos na investigação das narrativas orais populares, bem como a sua contextualização socio-cultural e a importância do etno-texto narrativo, que reflecte a própria comunidade que o produziu, ao mesmo tempo que lhe confere uma identidade.

O artigo de R. Benjamin "Pesquisa em narrativas orais" é, a meu ver, o mais importante deste bloco, pois fornece ao investigador um instrumento de trabalho que traça um possível caminho, desde a prévia pesquisa bibliográfica até à transcrição das narrativas orais. Vale sobretudo pelos conselhos que dá sobre o trabalho de campo, sempre úteis, principalmente aos principiantes nestas lides. Neste sentido, a investigação deve ter em linha de conta os factores sociais, históricos ecológicos, linguísticos e psicológicos dos lugares de recolha. No campo, a observação deve ser sistemática e auxiliada pela entrevista, gravação audio e vídeo, fotografia e desenho. É

* Estrada de São Luís, 122-1º. 8000 Faro. Portugal.